ESTADO DE SÃO PAULO
16 FEV 1989

Uma questão de ética

Saúde

NERTAN MACEDO

Há dias, como é da rotina hospitalar, um médico do Centro Pedro Ernesto, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pediu a uma enfermeira de plantão que removesse curativos de um doente recém-operado. A surpresa foi a rispida negativa da enfermeira que respondeu ser o médico operador "tão funcionário quanto ela" e, portanto, não tinha autoridade para a exigência. Na verdade, queria ritualizar a tarefa simples, ou seja: fazer a solicitação à enfermeira-chefe que, no melhor espírito de um soviete, *passaria a ordem. Tudo acabou sendo feito, conforme o desejo das* camaradas *enfermeiras.*

O que o médico ignorava é que estava sendo a mais nova vítima da "democracia popular" que hoje domina o setor de saúde do Rio e de todo o País, devidamente implantada pela esquerda que arruína o setor. Como se sabe, a abalada saúde nacional foi entregue aos famosos sanitaristas, *com aprendizado feito no eixo Cuba-União Soviética-China na gestão João Figueiredo. Desde então, a rede hospitalar, notadamente a carioca, virou a bagunça das greves intermináveis, dos médicos e servidores que só querem ganhar sem trabalhar, dos sindicatos classistas que foram transformados em assembléias estudantis permanentes, onde só se discute direitos nenhum dever. Vota-se todos os dias para que funcionários elejam diretores, subdiretores, enfermeiras-chefes, comandantes de estacionamento de pátio, líderes ascensoristas, presidente de contínuos, serventes, etc. O caso do Pedro Ernesto não é exceção, é rotina, e apavora a população da cidade que atualmente procura hospital para morrer à míngua de atendimento. Como um câncer, o comportamento contamina os demais centros do País.*

Apavorados com o que poderia acontecer no carnaval em matéria de acidentes, assaltos, agressões, muitos médicos responsáveis do Rio tentaram até a medida extrema de adiar a festa, perspectiva que arrepiou a dupla Moreira-Alencar. Uma das cortinas de fumaça utilizada para desviar a atenção popular do problema foi reforçar o noticiário sobre o Bateau Mouche. *Com a cumplicidade da imprensa. Algumas entrevistas de encomenda com os secretários de Saúde do Estado e do Município, confrontados com o diretor regional do Inamps, não revelaram em detalhes o que é incontornável na cidade: a falência de seu esquema de saúde em qualquer plano administrativo. Não se revelou, por exemplo, que o número de óbitos em função da parasitagem médica é infinitamente maior do que se alardeia.*

Pior ainda: o risco hospitalar no Rio atualmente é muito maior do que o das próprias doenças abrigadas em leitos hospitalares públicos, fazendo com que mais sério do que um mal clínico qualquer seja o tratamento num centro médico do Estado. A situação é tal que um mutuário que necessite de pequena cirurgia anda levando pelo menos 30 dias para concretiza-la. Em passado anterior à Nova República, não precisava mais de três ou quatro dias, no máximo. É o mesmo calvário para Raio X, curativos, gesso, exames, consultas etc. No Rio do centenário da República, as clínicas particulares fazem hoje o trabalho que deveria pertencer à rede hospitalar geral.

Enquanto isso, o secretário de Saúde fluminense, o trêfego milionário marxista Zé Noronha, ignora soluções racionais e só promove a "medicina sanitarista" que importou de Cuba e da Nicaragua, mesmo que o Rio ainda não tenha chegado aos níveis de imundície e pestilência dos dois "paraísos tropicais" eleitos pela estúpida esquerda brasileira. Mas falta pouco e, para tanto, sem dúvida, a Secretaria de Saúde do Estado vai ajudar um bocado.

Está na hora de um fórum ético setorial sobre o angustiante problema. Promovido preferencialmente por médico sério, de entidades seletas como a Academia Nacional de Medicina, a Associação Médica Brasileira, a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, o Conselho Regional de Medicina, antes que se chegue a um ponto sem retorno. Porque o problema deixou de ser técnico — mercê das dificuldades conhecidas — para se tornar uma questão ética e moral. É preciso reunir num debate aberto e consciente, amplo e objetivo, os principais organismos de classe do Rio e do Brasil. Só o testemunho de profissionais do resto do País, onde os problemas materiais são parecidos com os verificados no Rio, apontará um rumo comum para a superação do pesadelo.

Nertan Macedo é jornalista e escritor.